

## TRADUÇÃO

### Psicoterapia e *Weltanschauung*: para uma crítica fundamental de suas relações<sup>1</sup>

### Psychotherapie und Weltanschauung: Zur grundsätzlichen Kritik ihrer Beziehungen

Viktor Emil Frankl

168

Tradutor

Matheus dos Reis Gomes

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP

\*\*\*

Frequentemente acontece que um neurótico procura justificar sua atitude em relação à vida, a si mesmo e à comunidade com uma determinada *Weltanschauung*, um sistema filosófico ou uma concepção metafísico-religiosa da vida. Todo psicólogo moderno sabe muito bem que até mesmo essas abstrações [*Abstraktionen*] mais elevadas, esses pensamentos, filosofemas [*Philosopheme*] e concepções aparentemente independentes de qualquer afeto [*Affektiven*], no final das contas, são fundamentados, condicionados e determinados na vida psíquica inconsciente [*unbewußten Seelenleben*] da pessoa em questão.

Sabemos que, nessas circunstâncias, faz parte da terapia derrubar [*niederzureißen*] a superestrutura lógica da *Weltanschauung* com a base afetiva da neurose, já que uma ideologia neurótica que permanece, em outros aspectos, oferece solo fértil [*geeigneten Boden*] para a reprodução contínua da neurose. No entanto, não

---

<sup>1</sup> Texto publicado originalmente com o título “Psychotherapie und Weltanschauung: Zur grundsätzlichen Kritik ihrer Beziehungen”. In: *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie* III, 250-252, 1925. (Nota do Tradutor)

Tradutor

Matheus dos Reis Gomes

Toledo, v. 8, n. 1 (2025) p. 168-171

devemos esquecer que, em algumas circunstâncias, pode ser necessário atacar primeiro a superestrutura [Überbau], a fim de privar a neurose de seu apoio abstrato [abstrakten Halt] e ficções, tornando-a mais fácil de resolver. Isso será importante em relação a indivíduos que têm uma tendência predominante para argumentações baseadas no pensamento sobre seus planos de vida [Lebensplanes] equivocados, embora, de outro modo, possam ser considerados, de forma facultativa, como pertencentes aos melhores da sociedade [Besten der Gesellschaft].

Frente a eles, teremos que recorrer a argumentos filosóficos, pois todos os outros argumentos serão ineficazes [gegenstandslos]. Não se pode ajudar um pessimista muito inteligente e consciente [intelligent und bewußt] simplesmente aconselhando-o a se alimentar bem e fazer exercícios, porque, com base em sua filosofia, ele não atribui valor a isso, assim como não o faz com a saúde em geral. Portanto, devemos primeiro influenciar sua valoração aqui para criar qualquer base para tratamento adicional, ou seja, a discutibilidade [Diskutabilität] da neurose!

Até que alcancemos um reconhecimento fundamental do valor da saúde [Gesundheitswertes], da vida no sentido mais amplo como o valor mais elevado concebível, não podemos contar que o neurótico filosofante [philosophierende Neurötiker] jamais se interessará pelo aspecto patológico [Krankhafte] de sua valoração. Pois, desde o início, não é naturalmente dado que o que não é “normal” [normal] seja também errôneo. Pode-se igualmente alegar que Schopenhauer viu o mundo através de óculos cinzentos, assim como que ele o viu corretamente, mas que os outros, os seres humanos normais, usavam óculos cor-de-rosa [rosa Augengläser], ou seja, não foi a melancolia [Melancholie] de Schopenhauer que os enganou, mas a vontade de viver dos seres humanos saudáveis que os mantém iludidos na crença de um valor absoluto da vida.

O que é necessário aqui é uma fundamentação crítica do tratamento de neuróticos intelectualistas [intellektualistischer Neurotiker], bem como da psicoterapia em geral. Devemos estar cientes de que o princípio da psicoterapia é essencialmente ético, ou seja, envolve valoração [wertendes]; que todo tratamento pressupõe o objetivo final da cura, ou seja, de um valor de vida [Lebenswertes]. Ao mesmo tempo, no entanto, não devemos ignorar que a base para nossa avaliação [Wertung] deve ser fundamentalmente crítica. Pois os valores não podem ser provados *a priori*. O que podemos provar – e o que devemos provar ao neurótico filosofante [philosophierenden Neurotiker] – é que todo o seu desprezo pela vida, pelo mundo, pela comunidade é acrítico [unkritisch] e também “ineficaz” [untüchtig]. Pois o que ele faz é nada mais do que definir a vida como sem valor, porque apenas ele mesmo não a valoriza – ou vê-la como feia, triste e dolorosa porque a valora negativamente – e mesmo isso ele não faz realmente, mas acredita que o faz, como se a desprezasse – por razões que a análise [Analyse] posterior revelará.

Não existem valores absolutos, ou seja, valores que sejam independentes de uma vontade que valorize [wertenden Willen]. Portanto, o valor da vida [Lebenswert] nunca pode ser provado, apenas aceito. No entanto, devemos aceitá-lo porque, do

contrário, nenhum outro valor restaria para nós no final<sup>2</sup>, uma vez que nenhum outro valor último [*letzter*] e superior [*höchster*] é “possível” [*möglich*]. A tarefa [*Aufgabe*] mais próxima e óbvia da vida é aceitar [*bejahen*] a comunidade, porque todos realmente o fazem, embora na maioria das vezes sem saber, e muitas vezes – envolvidos na crença oposta [*gegenteiligen Glauben*]. Esse último dever [*Müssen*] e querer [*Wollen*] são o resultado de uma consideração simples, porém profunda e eficaz, no sentido de uma autêntica “crítica do reconhecimento de valores” [*Werterkenntniskritik*] genuinamente filosófica.

Assim, podemos estabelecer que os valores não podem realmente ser demonstrados, mas apenas queridos [*gewollt*], mas também que, em última instância, cada pessoa os quer profundamente. Isso pode ser mais complicado em circunstâncias envolvendo a valoração da comunidade [*Wertung der Gemeinschaft*]. Ela nem sempre se manifesta como positiva [*positive*] (por exemplo, no caso de um criminoso). No entanto, a crítica tem uma maneira de sugerir ou conscientizar sobre isso. Tais considerações críticas já foram frequentemente abordadas pelo lado da psicologia individual [*individualpsychologischer*]<sup>3</sup>. Neste ponto, permita-me apenas uma imagem.

Dois idosos estão à beira da morte. Um deles seguiu o princípio do egoísmo [*Prinzip des Egoismus*] ao longo de sua vida; para ele, tudo era útil apenas em relação à sua própria vida individual. Agora, que essa vida está prestes a terminar, tudo parece inútil e sem sentido para ele. Já o outro idoso encontrou o sentido de sua vida e seus valores na comunidade. Mesmo agora, à beira da morte, ele vê sua vida como cheia de sentido [*Sinn*], pois esse sentido está além do indivíduo e permanece intocado pela aniquilação do indivíduo. Enquanto o primeiro idoso sempre adotou o lema familiar “O que eu ganho com isso?” [*Was Kauf'ich dafür?*] e, sob esse lema, toda a sua vida finalmente parecia sem sentido [*Sinn*], pois ele não podia comprar nada para si mesmo ao longo da vida<sup>4</sup>, o outro idoso está satisfeito, porque esse lema simplesmente não se aplica a ele: afinal, ele não fez nada, não viveu para “ganhar algo com isso” [*dafür zu kaufen*]!

No contexto dessas considerações, gostaria de lembrar as palavras de Espinosa (*Ethics*, Pars V., propos. XLII): *Beatitudo non est virtutis praeinimum, sed ipsa virtus*<sup>5</sup>. O que isso nos diz? Felicidade e virtude [*Tüchtigkeit*] são uma unidade, eu diria: uma unidade biológica. O neurótico não pode ser feliz, pois não está à altura da vida, porque a despreza [*verachtet*], desvaloriza [*entwertet*] e odeia [*haßt*]. Restaurar nele o amor pela vida, a vontade de pertencer à comunidade, é a tarefa do psicoterapeuta, e

<sup>2</sup> “Vive, vale! Si quid novisti rectius istis,

Candidus imperti; si nil, liis utere mecum.” *Horatius*.

[Fique bem e até logo! Se souber algo melhor do que essas coisas, compartilhe com franqueza; se não, usa-as comigo. Horácio.]

<sup>3</sup> Compare, entre outros, com o Dr. Gustav Richter, “Das Ich und die Umwelt”, na *Internationale Zeitschrift für Individualpsychologie*, III/3.

<sup>4</sup> O conceito de “fim em si mesmo” [*Selbstzweck*] é no máximo justificado como um “conceito limite” [*Grenzbegriff*], mas, nesse sentido, não possui nenhuma validade prática.

<sup>5</sup> “A felicidade não é a recompensa da virtude, mas a própria virtude” (*Ethics*, Pars V., propos. XLII). (Nota do Tradutor)

ele pode fazer isso facilmente por meio de um exame crítico no qual o valor da vida, o valor da comunidade, se torna claro como algo que não se pode provar [*unbeweisbar*], mas dado; como algo que não deve ser exigido, mas já presente em seu próprio interesse; pois o caminho para a felicidade pessoal, para a satisfação, “*beatitudo*”, passa pelo sentimento de comunidade [*Gemeinschaftsgefühl*], pelo ânimo de viver [*Lebensmut*], pela “*virtus*”.

Submetido: 09 de abril de 2024

Aceito: 08 de maio de 2025